

A SACRALIZAÇÃO DA SERRA DA MAROFA

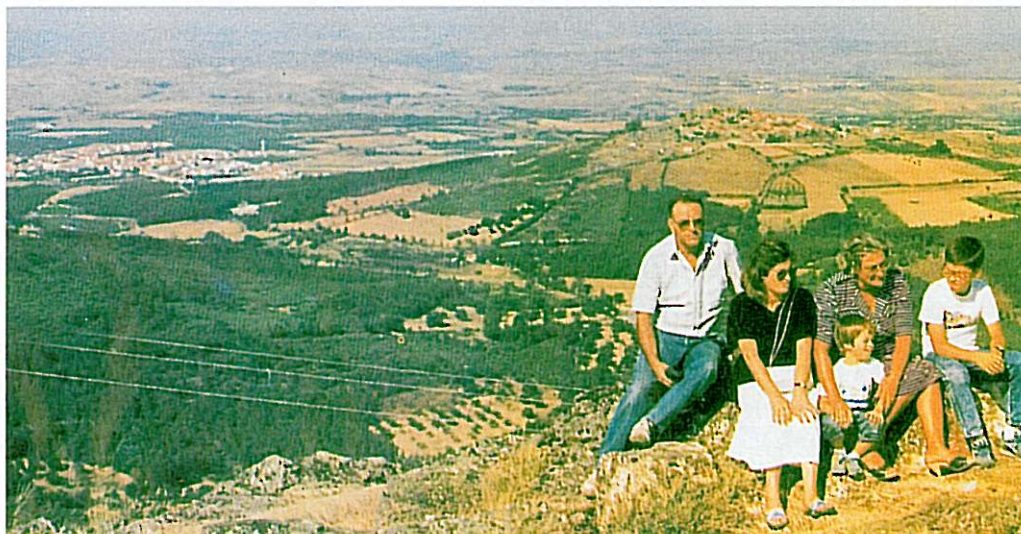
3 A Sacralização da Serra da Marofo

A sacralização de um lugar efectua-se através da atribuição de carácter sagrado a um lugar profano, emprestando-lhe um sentido divino. Ao subirmos ao alto da Serra da Marofo, e contemplarmos o pequeno "Santuário" e todos os outros meios de reflexão que, ao longo de cinquenta anos, ali foram construindo: Cruzeiro, Cristo-Rei, Alminhas, Cripta, Via-Sacra, Gruta e Mistérios do Rosário, sentimo-nos emocionados com o testemunho de fé de todos os que, de qualquer forma, contribuíram para que a obra se realizasse.

O "Monte da Virgem", símbolo evocativo da mensagem de Fátima: oração e penitência, perpetua para as gerações vindouras a devoção que todos os Figueirenses devotam à Sua Padroeira, Santa Maria de Aguiar, e na forma das outras invocações por que é venerada em todas as freguesias do concelho.

3.1 O Santuário

O nosso povo escolheu o cimo dos montes para manifestar a sua fé. No cume, as brancas ermidas sobressaem do meio da paisagem agreste, evocando a Virgem Maria ou o afecto por algum santo. Locais de



Vista do alto da Serra da Marofo

peregrinação e romaria, são lugares privilegiados pelos poetas, inspirando-se no longe que dali lhes é dado observar. A Serra da Marofa não escapou a esta saga espiritual, ostentando lá no alto uma capelinha e a estátua de Cristo Rei.

3.1.1 Antecedentes

As aparições de Nossa Senhora em Fátima, em Maio de 1917, marcaram profundamente o povo português, reforçando a sua religiosidade e amor ancestral à Mãe de Deus. Este acontecimento deu origem à ideia de dedicar o alto da Serra da Marofa à Virgem Maria.

No ano de 1939, um grupo de amigos resolveu subir à Serra para umas horas de convívio e aproveitar a oportunidade para apreciarem o deslumbrante panorama que dali se avista.

“Durante o alegre e animado repasto” — conta-nos o Sr. Reitor — “quando todos cantavam loas à beleza da Serra, atrevi-me a propor que se edificasse ali uma capelinha em honra de Nossa Senhora. Disse que, além da homenagem à Virgem, a ermida poderia tornar o alto da montanha o sítio mais visitado deste cantinho do território nacional”. Todos foram unânimes em concordar com esta proposta.

Largamente difundida pelo país a devoção a Nossa Senhora de Fátima, não admira que, em todas as freguesias figueirense, adquirisse um significado especial durante o mês de Maio de 1942. Para além das festividades realizadas em cada paróquia, o Arciprestado resolveu organizar uma imponente manifestação de fé, na sede do concelho, em honra de Nossa Senhora de Fátima.

No “Amigo da Verdade” de 10 de Maio de 1942, a página dedicada ao concelho



era quase toda destinada à celebração das Bodas de Prata da Aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria. Marcada para o último Domingo desse mês, o articulista convidava os Figueirenses a incorporarem-se nos festejos. Do programa constava o cortejo com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, na noite do dia 30, seguida da reza do terço e da prática proferida pelo Sr. Cónego Mendes de Matos, da Guarda. No final, proceder-se-ia à bênção do Santíssimo Sacramento.

No dia 31 de Maio, pelas 8 horas da manhã teria lugar a missa com Comunhão Geral e às 13 horas, missa cantada e procissão, em que se incorporariam as autoridades civis e militares, as crianças das escolas e os restantes fiéis. A terminar, o orador usaria novamente da palavra.

Sendo a primeira vez que no concelho se realizava um acto de tanta solenidade, os

organizadores confiavam na fé secular dos Figueirenses pela Virgem Santíssima, acreditando que tudo iria correr da melhor maneira. Para além do significado festivo, os fiéis teriam a oportunidade de, aos pés da Virgem, pedirem a paz para um mundo conturbado pela guerra.

Foi num ambiente de grande fé que se iniciaram as cerimónias marcadas para o dia 30. À hora indicada, pelo cair da noite, começou a procissão das velas. O entusiasmo e o elevado número de participantes excedeu as expectativas. A abrir o préstito religioso vinham as crianças das escolas acompanhadas pelos respectivos professores, depois os homens e o andor com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, enfeitado com lindos botões de rosas.

Aos Bombeiros Voluntários de Figueira de Castelo Rodrigo coube a nobre missão de formarem a guarda de honra ao andor. Como era costume na época, a procissão terminava com as pessoas do sexo feminino, empunhando velas acesas. Para que os cânticos não perdessem beleza e ritmo, houve por bem a comissão, instalar uns alto falantes na torre da Igreja Matriz. Assim, foi mais fácil manter a unidade dos coros durante o percurso.

Seria deslumbrante o espectáculo de luz e som, oferecido pelos cânticos entoados com devoção e emotividade, aliada à iluminação das janelas e varandas, reforçada pela luz das velas empunhadas pelos participantes. Foi grande a emoção sentida por quem teve a felicidade de participar em momento tão solene, que o articulista do "Amigo da Verdade", escreveu: "Todo o concelho aclamou com delírio a Padroeira de Portugal numa hora de apoteose, difícil, senão impossível, de exceder. Na História religiosa do nosso povo escreveu-se uma das mais brilhantes páginas".



Capela de Nova Redonda

(Foto Valente)

No Domingo, dia 31, a vila vestiu a sua melhor gala para acolher tão elevado número de fiéis que quiseram participar nas comemorações. Das janelas e varandas pendiam lindas colgaduras. Manhã cedo, as estradas do concelho mostravam um movimento inusitado, com muitas pessoas que, a pé, de jerico, mula ou camioneta, se dirigiam para a sede a fim de participarem nas cerimónias. O Sr. Cónego Matos celebrou a primeira missa da manhã, com comunhão geral e sermão.

Pelas 14 horas teve lugar a solene Eucaristia, rezada pelo Sr. Padre Canário, acolitado pelos Srs. Padres Peres e Eugénio, servindo de mestre de cerimónias o pároco de Mata de Lobos. A capela-mor estava reservada para as entidades oficiais que assistiram ao Santo Sacrifício. O Sr. Reitor de Escalhão regeu a missa "De Angelis" acompanhado por muitas vozes que elevaram aos céus a alegria vivida naquele

momento. O sermão esteve a cargo do pregador convidado. Os alto falantes encarregaram-se de transmitir os cânticos à maior parte dos fiéis que tiveram de ficar no exterior do templo, dado o seu elevado número.

Terminada a Santa Missa, organizou-se a procissão acompanhada por muita gente. Depois de o Sr. Presidente da Câmara Municipal, Dr. Aníbal de Azevedo ter colocado a imagem da Virgem no andor, iniciou-se o cortejo, nele se incorporando representações de todas as paróquias do concelho. Dado o grande número de interessados em conduzir o andor foi necessário organizar vários turnos para o efeito.

A procissão recolheu à Igreja Matriz por volta das 18 horas, pelo meio de uma extensa ala, com centenas de fiéis que não se cansavam de aclamar Nossa Senhora. No encerramento do mês de Maria, o pregador aproveitou a oportunidade para incentivar



Panorâmica de Figueira de Castelo Rodrigo

(Foto Nando Costa)

Turnos	Participantes
1.º	Dr. Manuel Simões de Carvalho, Meritíssimo Juiz da Comarca; Dr. Manuel Arêlo Ferreira Manso, Delegado do Procurador da República; Dr. Artur Seixas, Médico Municipal; Francisco Soares, Escrivão.
2.º	Professores: Baltazar de Faria Achando, Zeferino Monteiro, Carlos Ferreira e Manuel do Nascimento Vaz.
3.º	Alferes Janeiro, Mário Machado, Paiva Ribeiro e Francisco Mendes.
4.º	Serafim Gomes da Silva, Alfredo Cruz, António Lourenço e Aurélio Tomás Ribeiro.
5.º	Dr. Luís da Rocha, Ernesto Escalda, Norberto Marcelino e Albino Carrapatoso.
6.º	Dr. Alexandre Machado, Dr. Artur Machado, Dr. Alfredo Pimentel e Alfredo Carlos de Magalhães.
7.º	Presidente da Câmara, Dr. Aníbal Azevedo; e Vereadores: Ilídio Vilhena, Dr. Aníbal Guerra e Carlos Teixeira.

os presentes a criarem o hábito de rezarem o terço em família.

No meio da fervorosa homilia, o pregador, instituindo-se porta-voz dos desejos

de várias pessoas da vila, lançou a ideia da construção de uma capelinha de Nossa Senhora de Fátima, no alto da Serra da Marofa. Aproveitando a oportunidade de,



Igreja Matriz de Figueira de Castelo Rodrigo

nesta celebração, se encontrarem representações de todas as freguesias Figueirenses, expôs as razões de tal iniciativa, acolhida com entusiásticos aplausos.

Ciente de que as boas ideias só o serão na realidade se forem concretizadas, o "Amigo da Verdade" da semana seguinte publicava o seguinte apelo:

"A capela de Nossa Senhora de Fátima a branquejar no ponto mais alto do Concelho! A capela de Nossa Senhora de Fátima a apontar nos píncaros da Maroفا o rumo de Deus! A capela de Nossa Senhora de Fátima tendo a seus pés todas as nossas freguesias, pois todas elas se avistam dos cumes da linda serra! Mãos à obra! Vamos construir a capela."

Entretanto, tornava-se necessário o apoio e autorização das autoridades civis e eclesiásticas para tal empreendimento. Desde

logo a Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo se prontificou a dar todo o apoio. As entidades governamentais apenas puseram a condição essencial de que a construção da ermida não afectasse a visibilidade do marco geodésico que está implantado no local.

O custo da obra teria de ser suportado pelos devotos, ricos e pobres, contribuindo cada um de acordo com as suas posses. Em cada paróquia foram constituídas comissões para a recolha de fundos. Foi tão grande o entusiasmo que, em meados do mês de Julho de 1942, já estavam quase todas organizadas, sendo a Comissão Central composta pelo Sr. Presidente da Câmara, Dr. Aníbal Santos Azevedo; Dr. Artur Bordalo Machado, notário e Rev.º P.º José Canário Martins, pároco da vila.

As Comissões Paroquiais ficaram assim constituídas:

Freguesia	Componentes
Almofala	D. Maria José de Barros, D. Alexandrina Rodrigues, D. Palmira Rodrigues, D. Lucinda Andrade.
Castelo Rodrigo	Inocência da Silva, Luís Ferreira, José Joaquim da Silva. <i>Meninas</i> : Conceição Soares e Amélia Ferreira.
Castelo Rodrigo (<i>Nave Redonda</i>)	<i>Meninas</i> : Almerinda Teixeira, Alda Teixeira, Adália Camilo e Augusta Marques.
Cinco Vilas	D. Maria do Patrocínio Quirino Monteiro, D. Teresa Galhardo Bolota e Aurélio Tomás Ribeiro.
Colmeal (<i>Bizarril</i>)	D. Lucinda Fernandes, D. Josefa de Jesus Filipe e D. Maria da Luz Martins.
Escalhão	P.º António Augusto de Sousa Matos, Joaquim Paiva Ribeiro, P.º José da Silva Elvas, Dr. Luís da Rocha Carlos Teixeira, Elias Marcelino, Dr. António Brígido, Mário Machado, Prof. Faria Achando, Prof. Carlos Ferreira, Abílio Escalda e Capitão Alencão Bordalo.

Escarigo	João Antero, Álvaro Gamelas, Virgílio Almeida e Joaquim Nunes.
Figueira de Castelo Rodrigo	D. Adélia Cardoso Vilhena, D. Felisbela Rebôlho e D. Maria José Rebôlho.
Mata de Lobos	P. ^o António Augusto Lopes de Gouveia e Alfredo Carlos de Magalhães Crespo.
Penha de Águia	<i>Meninas:</i> Maria Genoveva Torres, Anésia Guerra, Maria Augusta Gomes e Lucinda Farias.
Reigada	P. ^o Artur Caetano de Oliveira, D. Carolina Freire, D. Cândida Galhardo, D. Maria Adelaide Fernandes e Américo Freire Falcão.
Vale de Afonsinho	D. Laura Soares de Melo, D. Maria Etelvina Velho, D. Graciosa Saraiva, António Joaquim Amado e Dário Lopes.
Vermiosa	D. Teresa Galhardo Bolota, D. Branca Barreiros Bolota, D. Maria Virgínia Bolota, D. Irene Almeida Maia, D. Teresa Espinha, D. Maria José Almeida, D. Esmeralda Fonseca, D. Maria Helena Marques, D. Emília Ganhardo Bolota e D. Laura Gamas.
Vilar de Amargo	D. Alzira Correia Peixoto, D. Emília Madeira, D. Emília Costa, D. Angelina Espinhaço e Augusto André. <i>Meninas:</i> Alcina Bolota, Prazeres Gomes e Laura Gouveia. <i>Seminaristas:</i> Alcides Gouveia e Luís Espinhaço.
Vilar Torpim	D. Ana Cabral de Matos, D. Antónia Gamelas, D. Alexandrina Ruas e D. Cândida Vieira.

Por toda a parte, os membros da Comissão foram recebidos com todo o carinho. Em dinheiro e em cereais, os donativos foram-se avolumando.

A Comissão Central escreveu ao Sr. Bispo da Guarda, D. José Alves Matoso, a 16 de Julho de 1942, dando conhecimento da sua iniciativa e pedindo a sua bênção:

“Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo da Guarda

O Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, por iniciativa de um grupo de

católicos, vai erguer no alto da Serra da Marofa uma Capelinha a Nossa Senhora de Fátima que será uma prova da fé do nosso povo e ao mesmo tempo a homenagem dos figueirenses à Virgem Santíssima neste ano em que se comemora o 25.^o aniversário das aparições da Cova da Iria.

A piedosa e patriótica ideia tornada pública na festa de Nossa Senhora realizada nesta vila em 31 de Maio último, foi acolhida com alvoroço e com entusiasmo por toda a gente do nosso concelho. Nas diversas fre-

guesias organizaram-se Comissões para recolha de donativos e tudo nos leva a crer que no próximo ano possam iniciar-se os trabalhos de construção.

Os abaixo assinados como membros da Comissão Central vêm gostosamente dar conhecimento a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} desta iniciativa a que quase poderíamos chamar voto do nosso Concelho e imploramos uma bênção para quantos ofereçam o seu óbolo para este fim.

Beijam o Vosso sagrado Anel e subscrevemo-nos.

MT. ATT VEN. E Obrigados.

Aníbal Augusto Azevedo, Artur Bordalo Machado, P.^o José Canário Martins”.

A 2 de Agosto de 1942, D. José respondeu ao Presidente da Câmara Municipal, nos seguintes termos:

“Acuso a recepção da carta assinada por V. Ex.^{cia}, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Artur Bordalo Machado e Rev. P.^o José Canário Martins,

dando-me conhecimento da iniciativa de um grupo de católicos de erguerem no alto da Serra da Marofa uma Capelinha em honra de Nossa Senhora de Fátima e pedindo-me que abençoe os que oferecerem o seu óbolo para este fim.

Louvo muito esta iniciativa e gostosamente concedo a bênção que V. Ex.^{cia} deseja.

Com muita consideração

De V. Ex.^{cia}

MT. ATT. Ven. E Obrigado

D. José, Bispo da Guarda”

A iniciativa da construção de um “Santuário” no alto da Serra Marofa veio reavivar um antigo desejo que agora se tornava numa premente necessidade: a abertura de uma estrada de acesso ao cume. Esta via de comunicação tornaria não só mais fácil o transporte dos materiais de construção ao próprio local, mas também abriria um novo pólo de interesse turístico.

Na verdade, era pena que o encantador panorama, que dali se avista, fosse apenas



Panorâmica da Serra

(Foto Valente)

acessível a quem tivesse boas pernas e excelente fôlego para galgar a íngreme encosta. Seria uma das principais atracções turísticas do concelho.

Nos finais de Outubro de 1942 deslocaram-se a Figueira de Castelo Rodrigo dois engenheiros a fim de procederem ao estudo da futura estrada da Serra.

Com o andar do tempo, as pessoas ficavam cada vez mais ansiosas, desejando que a construção da ermida se iniciasse o mais rápido possível. Porém, a avultada verba necessária para realizar tal empreendimento era a causa principal desse atraso. Nos princípios de Março de 1943 foi enviado à respectiva repartição o projecto da estrada desde o entroncamento ao cume, numa extensão de 4 Km.

De todos os pontos do país, das colónias de África e do Brasil continuavam a chegar

donativos para a capela. Caso insólito foi o que aconteceu a 13 de Março de 1943. Por falta de combustível teve que aterrar de emergência um avião espanhol em Vilar Torpim. Felizmente, os três tripulantes saíram ilesos apesar de o aparelho ter ficado danificado. Acolhidos com todo o carinho pelo município que os hospedou numa pensão de Figueira, os aviadores seguiram no dia seguinte para Sevilha, via estação de Barca d'Alva. Na altura da partida, os espanhóis ofereceram todo o dinheiro português que tinham em seu poder, 60\$00, como oferta para as obras da ermida, em acção de graças à Virgem Maria por não se terem ferido no desastre.

A 6 de Junho de 1943 a Comissão deu a conhecer o montante dos donativos angariados para a construção da capela em honra de Nossa Senhora de Fátima:

Freguesia	Total de donativos
Almofala	1.692\$00
Castelo Rodrigo	1.428\$30
Castelo Rodrigo (<i>Nave Redonda</i>)	968\$00
Cinco Vilas	327\$20
Escalhão	3.900\$00
Escarigo	347\$50
Figueira de Castelo Rodrigo	9.562\$20
Reigada	870\$40
Vilar Torpim	1.226\$70
Total	20.322\$30
Outros	
Donativos vários	8.020\$90
Juros da Caixa Geral de Depósitos	82\$62
Total Geral	28.425\$82



Grupo de Trabalhadores

A fim de sossegar a curiosidade da população, ansiosa por saber quando arrancaria

a obra por que tanto ansiava, foi anunciado que, durante o mês de Fevereiro de 1944 o projecto da futura ermida, da autoria do architecto José Soares Zilhão, estaria exposto ao público.

Na terceira semana desse mês, esteve na vila o Eng. Eduardo Barbosa Braga, do Instituto Geográfico e Cadastral que veio à Serra da Marofa indicar o melhor lugar para a edificação da capela. A terminar o ano, o Ministério das Obras Públicas, por Portaria de 6 de Dezembro de 1944, contemplou a Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo com a verba de setenta e um contos, em regime de comparticipação. A verba destinou-se à abertura da estrada da serra da Marofa (fase de terraplanagem). A Comissão Central recebeu esta agradável notícia com muita alegria, pois estava dado o primeiro e importante passo para o arranque da obra.

Freguesias	Comparticipação
Almofala	1.692\$00
Castelo Rodrigo	1.428\$30
Castelo Rodrigo (<i>Nave Redonda</i>)	968\$00
Cinco Vilas	327\$20
Colmeal (<i>Bizarril</i>)	239\$50
Escalhão	3.900\$00
Escarigo	379\$70
Figueira de Castelo Rodrigo	9.581\$60
Penha de Águia	712\$00
Reigada	870\$40
Vale de Afonsoinho	1.074\$50
Vermiosa	437\$50
Vilar de Amargo	320\$00
Vilar Torpim	1.226\$70
Total	23.157\$40
Grupo de Figueirenses de Lourenço Marques	2.000\$00
Donativos vários	10.973\$40
Juros de 1942/43/44/45	1.367\$81
Total Geral	37.498\$61

Depois de tanta ansiedade, a 22 de Julho de 1946 teve início a construção da capela da Marofa. Do trabalho de pedreiro encarregou-se António Rodrigues, de Castelo Rodrigo. O Mestre de obras foi Francisco António Bazareu, de Murça do Douro e o projecto da capela da autoria do arquitecto José Soares Zilhão.

Até 12 de Outubro de 1946, o total dos donativos perfazia a quantia de trinta e seis contos, em dinheiro. No meio destas esmolas, muitas havia em géneros: ovos; e centeio (malgas e alqueires, conforme as possibilidades de cada um).

Nem só de ajudas monetárias necessitava a Comissão Central para a edificação da capela. As palavras de apoio, que não deixaram de se fazer sentir logo que divulgou a notícia do arranque da obra, também eram necessárias para animar todos quantos se empenhavam nesta realização. Perante o avultado custo da empreitada, (cem



Fase adiantada da construção

contos) e a insuficiência da verba conseguida, fez-se novo apelo para que os donativos não faltassem.

Ciente das dificuldades financeiras e do esforço que a Comissão tinha de enfrentar para cobrir a verba necessária, a Câmara Municipal pôs à sua disposição a camioneta para o transporte de areia e cimento para o alto da serra. No dia 5 de Setembro de 1947 recomeçaram as obras de abertura da estrada, dirigidas pela junta de freguesia de Castelo Rodrigo, permitindo o acesso dos carros até perto da ermida.

3.1.2 A primeira festa da Serra

A fim de pôr cobro ao cepticismo de alguns e incentivar todos os que já tinham contribuído com os seus donativos para a construção da ermida, a Comissão Central divulgou a notícia de que no dia 12 de Setembro de 1946 iria realizar-se no alto da Serra da Marofa uma festividade em honra de Nossa Senhora, aproveitando para comemorar o arranque da obra.

Esta novidade galvanizou os Figueirenses. Uns, movidos pela fé, outros para verem o estado de adiantamento das obras na capela, quase todos com o desejo de satisfazerem a curiosidade de, pela primeira vez, admirarem o deslumbrante panorama que do alto lhes seria dado observar, fizeram os preparativos, não faltando a confecção da indispensável merenda. Do programa constava:

"Dia 12 de Setembro

— Em todas as igrejas do concelho se rezará o terço no altar de Nossa Senhora de Fátima com cânticos em sua honra. Às dez horas da noite acender-se-á, no alto da Marofa, uma grande fogueira, como se fazia antigamente à volta dos templos.

A fogueira simboliza o lume da Fé e o Fogo do Amor, que hão-de erguer a capelinha. Poderá avistar-se de toda a parte. Depois subirão ao ar muitas dúzias de foguetes que anunciarão a festa a todos os cantos de Riba-Côa e às povoações fronteiriças de Espanha.

Dia 13 de Setembro

— Ao meio dia missa campal. Muitas centenas de vozes entoarão cânticos apropriados. Depois da missa, merendas. De louvar é que se façam lá no alto reuniões familiares. Às três horas reza do terço aos pés de Nossa Senhora de Fátima, com cânticos.

Na procissão apenas tomam parte as crianças dos dez aos quinze anos e as raparigas que usam uniforme. As bandeiras de Nossa Senhora, de todo o concelho, devem ser conduzidas na procissão que terá



Momento da procissão

um percurso admirável. Ao findar a procissão cantar-se-á o Salve Nobre Padroeira. Durante as cerimónias, meninas das diversas freguesias farão um peditório para as obras da capelinha."

Dia doze à noite, depois de rezarem o terço nas suas igrejas, certamente que não terá havido figueirense que não tivesse dirigido o olhar para o alto da Serra da Marofa. Vista ao longe, a "Fogueira Simbólica" parecia uma estrela fulgurante, um pouco maior do que as que brilhavam no firmamento. Mais perto dos homens, parecia indicar-lhes o caminho da Salvação.

Sem dúvida que muitos não contiveram a emoção e terão deixado escorregar teimosas lágrimas pelas faces enrugadas, deixando sulcos no rosto queimado por muitos sóis.

Ao outro dia, logo pela manhã, apesar de ser um dia de trabalho, largas centenas de pessoas escalaram a serra, por caminhos e veredas. A alegria era visível em todos os rostos. Algumas povoações ficaram literalmente despovoadas. As camionetas e os carros seguiam pela estrada nova até meio do caminho.

O concelho de Almeida fez-se representar por um grupo, transportado numa camioneta e chefiado pelos Srs. Padres Abel Gata e Bernardo do Nascimento. De assinalar a presença dos párocos de Pinhel, Vilar Formoso e Nave-de-Haver, "significando com a sua presença o desejo de que a capelinha seja não só deste concelho mas de Riba-Côa".

Improvisado o altar junto ao marco geodésico, o Sr. P.^o Peres Augusto Soares celebrou a Missa Campal, acolitado por quinze sacerdotes e cinco seminaristas teólogos. O local estava ladeado pelas bandeiras de Nossa Senhora, de todas as paróquias do concelho, e pelo andor com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, trazida da Igreja Matriz de Castelo Rodrigo.

O vibrante toque de clarim anunciou o momento da consagração. Um frémito de emoção trespassou o coração de todos os presentes que se ajoelharam, adorando o Senhor "que pela primeira vez desce ao altar naquelas alturas".

No final da celebração, o Sr. Dr. José Afonso Sanches de Carvalho subiu a um rochedo e, daquele púlpito improvisado, proferiu o primeiro sermão que ali jamais se ouviu, falando sobre os objectivos da festa e do seu alto significado.

D. Andrés Cárpio, sacerdote espanhol, referiu-se à "Virgem Ibérica Nossa Senhora de Fátima", com carinho e entusiasmo, louvando a iniciativa da construção da capela.

Pelas dezasseis horas realizou-se a procissão, dando a volta ao cimo do monte.



Outro momento da procissão

O andor da Virgem foi conduzido por quatro sacerdotes. A Banda de Pinhel abrilhantou o acto. Entre os vários cânticos entoados ao longo do percurso, o Hino de Nossa Senhora foi dos mais apreciados pela assembleia:

*Lá no alto
Brilha agora,
Como estrela de bonança
A Virgem Nossa Senhora!
Ela é luz,
Ela é esperança,
Ela é benção celestial,
Ela é mãe dos figueirenses,
A todos livrai do mal*

Coro

*Figueirenses! Aos pés de Maria
Neste monte de beleza sem par,
Com fé viva e infinda alegria,
Vamos todos cantar e rezar.*

A Comissão organizadora, tinha feito um apelo a todas as pessoas que possuíssem máquina fotográfica para a levarem e utilizarem não só para captarem as lindas paisagens que iriam admirar, mas essencialmente durante a festa. Seriam atribuídos prémios às três melhores fotografias com aspectos da festividade.

No final da vistosa procissão, a festa terminou com a recitação do terço, em honra de Nossa Senhora, oferecido por todos os habitantes do concelho e da região de Ribai-Côa.

Durante o dia, um grupo de meninas percorreu os vários grupos, distribuindo recordações da festa e recolhendo muitos donativos para a continuação das obras da ermida.

Chegava ao fim o dia festivo. Em grupos, os peregrinos desceram o monte a caminho

de suas casas. Consgo, levavam a recordação de uma admirável jornada de fé e de um local encantador que a maioria conheceu pela primeira vez.

3.1.3 A Inauguração

A inauguração da capela em honra de Nossa Senhora de Fátima no alto da Serra da Marofa, ou de Nossa Senhora da Marofa, como muitos gostam de a designar, foi o princípio da sacralização do cume da Serra sobranceira a Figueira de Castelo Rodrigo e lado a lado com o morro onde se ergue altaneira a secular e primitiva sede do concelho — Castelo Rodrigo.

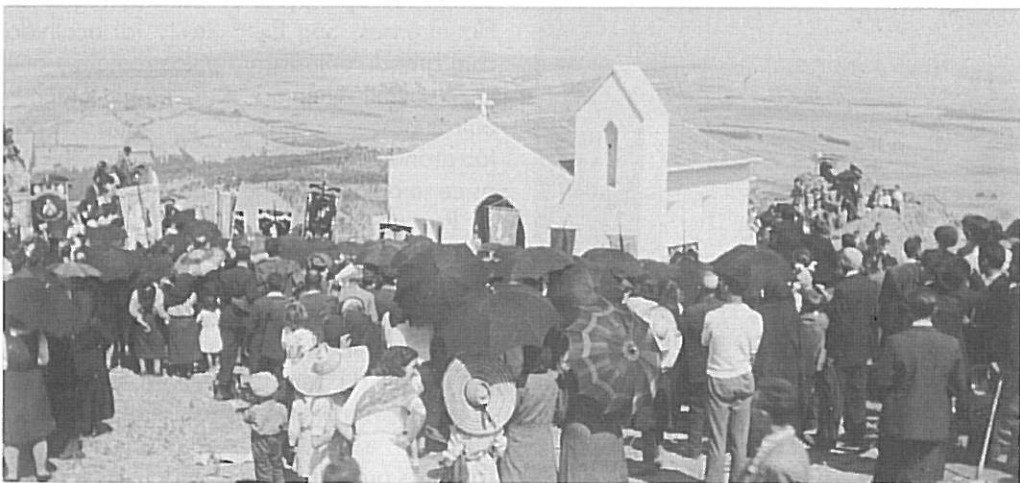
Lançada a ideia, há que dar-lhe realidade. Assim, poucos meses depois da inauguração da capela, foi exposto à consideração dos Figueirenses o sonho de se erguer no morro mais alto da Marofa um cruzeiro. Aos poucos as ofertas foram surgindo, não só em dinheiro, mas em objectos e alfaias de culto, imprescindíveis para a celebração. De louvar a acção dos Figueirenses, a residir

em terras do Brasil, Angola e Moçambique, que não esqueceram o seu torrão natal. Ao tomarem conhecimento da construção do "Santuário", não quiseram ficar alheios a este acontecimento, organizando peditórios. Mais uma prova evidente de que o bairrismo Figueirense não tem fronteiras, nem mede distâncias quando a comunidade de origem necessita do seu apoio.

Anunciada para o dia 13 de Agosto de 1947 a inauguração da capela, o Sr. Reitor não conseguiu esconder a sua emoção, escrevendo: "Todos os que, desde a primeira hora têm seguido de perto esta iniciativa, compreendem com que júbilo transmitimos esta notícia que vai decerto alvoroçar o nosso concelho enchendo-o de contentamento e de entusiasmo.(...)"

Não foram vãos esses esforços porque apesar de todas as dificuldades, apesar de todos os contratemplos, apesar da dúvida e do cepticismo de muitos, com a graça de Deus e ajuda de Maria Santíssima, chegámos ao fim (...)."

A mensagem não foi em vão, pois no dia treze de Agosto, uma multidão atendeu à



(Foto de Joaquim Lourenço)

chamada, dando testemunho as suas orações e enorme entusiasmo participativo nos cânticos, da sua fé em Deus e no amor filial à Virgem Maria. Ia finalmente ser inaugurado o trono e o altar de Nossa Senhora de Fátima no cume da serra da Marofa.

Uma das preocupações da Comissão era a falta da imagem da Senhora para colocar no altar, pois que o dinheiro angariado fora quase todo gasto na edificação da capela. Esperançada de que tocasse o coração de algum devoto", não desanimou, esperando com fé e esperança.

Poucos dias antes da data marcada para a inauguração, uma família do concelho fez saber que estava interessada na oferta da imagem para a ermida. No entanto, enquan-



(Foto de Joaquim Lourenço)

to ela não chegasse, seria a que se venera em Castelo Rodrigo que ocuparia o seu lugar.

Manhã cedo, grande número de romeiros vindos de todos os pontos do concelho e arredores, encaminharam-se para a Serra, erguendo os olhos para a branca capelinha que alvejava no alto, atraídos pela fé em Nossa Senhora.

De assinalar a presença de numerosos fiéis, de Almendra, Almeida e Vilar Formoso, acompanhados pelos seus párocos, assim como sacerdotes do Sabugal e Covilhã. Da vizinha Espanha não podia faltar D. Gregório Galache, pároco de S. Felices de los Galegos, que tanto contribuira para difundir o amor a Nossa Senhora de Fátima por terras da raia castelhana. A acompanhá-lo vieram D. Andrés Carpio e um grupo de quarenta pessoas com o estandarte de Jesus Nazareno. Trouxeram consigo um pergaminho que ofereceram ao Santuário.

Pelas dez horas chegou ao recinto o Sr. Bispo Auxiliar da diocese da Guarda, D. João de Oliveira Matos, acompanhado pelo Sr. P.^o Franco de Matos e Sr. Dr. Alberto Dinis. Recebido pelas autoridades do concelho e representações de todas as freguesias Figueirenses, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} foi acolhido com grande entusiasmo pelos romeiros que já se encontravam no local, embora muitos outros viessem a caminho. Sensibilizado por tão grande prova de afecto, o Prelado iniciou as cerimónias da bênção da capela.

Pouco tempo depois, o Sr. Bispo teve que se retirar, não sem antes manifestar a sua alegria por ter estado presente na inauguração da ermida e presenciado tão elevada prova de amor e fé.

Apesar de o largo recinto e os penedos que se elevam em redor estarem apinhados de gente, era ainda elevado o número de romeiros que subiam a estrada e as veredas da serra.



O Santo Sacrifício da Missa teve início ao meio-dia, sendo celebrada pelo Sr. P.^o Canário, acolitado pelos Srs. P.^{es} José de

Gouveia e P.^o M^oro. O Sr. Arcipreste de Almeida, P.^o Abel Gata, desempenhou as funções de mestre de cerimónias. Os cânticos foram da responsabilidade do Sr. P.^o João Mendes Garcia que regeu os grupos corais das paróquias de Vilar e de Cinco Vilas.

Lido o Evangelho, o Sr. P.^o Franco de Matos fez um vibrante sermão, realçando a devoção do concelho à Virgem Maria, e louvando a sua população, verdadeira obreira daquele feito, erguendo com os seus donativos a ermida, pequenina, mas de grande significado espiritual.

Ja já adiantada a hora quando as cerimónias religiosas terminaram. Os milhares de pessoas que se apinhavam no cume da Serra, tiveram então a oportunidade para merendar. O ar puro e o calor que se sentia, tinham aberto o apetite e despertado a sede.

À volta dos farnéis, grupos de familiares e amigos, numa sã e alegre convivência, iam comentando os acontecimentos de que tinham sido protagonistas, orgulhosos por fazerem parte do momento histórico que



(Foto de Joaquim Lourenço)

estavam a viver. Satisfeito o apetite e enquanto aguardavam pelo reatar das cerimónias, apreciavam o vasto e deslumbrante panorama que tinham a oportunidade de admirar.

A meio da tarde teve início a reza do terço, junto ao andor de Nossa Senhora de Fátima. No intervalo dos Mistérios, os fiéis cantavam o Hino de Nossa Senhora da Marofa, entoado pela primeira vez na celebração do ano anterior.

A procissão, à volta do monte, abrilhantada pela Banda dos Bombeiros Voluntários de Figueira de Castelo Rodrigo, foi um momento de apoteose. Milhares de lenços acenavam enquanto se entoava o cântico Salvé Nobre Padroeira. No alto de um penhasco, sobrepondo-se à multidão que se apinhava no cimo da serra, ondulava ao sabor da brisa a Bandeira Nacional.

Mas quem teve a felicidade de assistir ao vivo tal momento de inesquecível ardor espiritual e de calor humano, pode transmitir-nos com maior realidade o que na verdade sentiu: "(...) A festa da inauguração da capelinha da Marofa ficará na nossa memória como uma das mais belas e comoventes, a que nos foi dado assistir.

Bela e comovente, pelo elevadíssimo número de fiéis que tomaram parte na grandiosa homenagem à Virgem, e que premiou suficientemente o nosso esforço de anos! Bela e comovente, pela grandeza das cerimónias que se desenrolaram no alto da montanha! Bela e comovente, pela fé vivíssima estampada em todos os rostos, bem palpável em todos os corações!

(...) A procissão constituiu um espectáculo inesquecível, uma brilhantíssima manifestação de amor a Nossa Senhora como talvez nunca se tenha realizado entre nós. Um mar de gente a cantar e a rezar. Uma multidão, de milhares e milhares

de pessoas, verdadeiramente electrizadas com o único pensamento em honrar Nossa Senhora de Fátima. Quando a veneranda imagem, depois de contornar a montanha, chegou à capelinha foi um autêntico delírio (...)"

Entusiasmado por toda a vivência em que tivera a oportunidade de participar e movido pelo grande amor que dedica a Nossa Senhora de Fátima, D. Andrés Carpio, subiu a um morro, proferindo então um vibrante discurso. A língua castelhana não foi impedimento para ser entendida por todos os presentes que, no final, ovacionaram com admiração o eloquente orador.

Chegava ao fim este dia solene. Aos poucos, as pessoas foram descendo a serra com o coração reconfortado por esta vivência espiritual tão significativa.

Naturalmente, os milhares de romeiros presentes neste evento, largamente difundido



não só pela imprensa regional, mas também pela nacional, estavam longe de imaginar que aquele acontecimento tinha sido o primeiro de tantos outros que, no decorrer de cinquenta anos, iria transformar radicalmente a Serra da Marofa, transformando-a num dos principais cartazes turísticos da região e no “Monte da Virgem” do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

Que o cume da serra se iria transformar num símbolo da fé dos Figueirenses conclui-se pela leitura da mensagem que o Sr. P.^o Canário escreveu no “Amigo da Verdade” de 17 de Agosto de 1947, referindo-se às cerimónias: “(...) E é com a maior gratidão que acrescentamos que esse milagre se deve às centenas de devotos que para ela contribuíram com as suas esmolas. (...)”

Chegámos ao final das obras da bela ermida mas não chegámos ao final das obras no alto da montanha, agora da Virgem. Há Lá muito que aformosear e alindar. Há óptimos projectos que podem realizar-se; nas mãos de todos nós está o futuro daquele deslumbrante local.”

3.1.4 Os primeiros Sacramentos ministrados na Capela da Marofa

3.1.4.1 Matrimónio

O amor reveste-se sempre com uma certa dose de romantismo. Não há dúvida de que o alto de um monte, solitário e aprazível, último elo de ligação entre o Céu e a Terra, rodeado de belos e amplos horizontes, é um quadro inspirador desse nobre sentimento.

Assim o entendeu o jovem casal: Aldora Lopes Correia, natural de Castelo Rodrigo, e Albino Gonçalves Correia, de Nave Redonda, que, no dia 31 de Janeiro de 1948, na singela capelinha, aos pés da Mãe de Deus, uniram as suas vidas pelos laços do Sagrado Sacramento do Matrimónio. Foi celebrante o Sr. P.^o Canário que felicitou os noivos por terem escolhido aquele belo local e desejando-lhes as maiores felicidades.

De singular, neste acto tão comum entre duas pessoas que se amam, apenas o facto de ter sido o primeiro casamento celebrado



(Foto de Joaquim Lourenço)

no Santuário da Marofa e de o copo de água se ter resumido a um abundante piquenique, servido naquele lugar.

3.1.4.2 Eucaristia

O dia 13 de Abril de 1949 assinalou a data em que pela primeira vez se celebrou uma primeira comunhão na capela da Serra da Marofa. Foram os principais intervenientes os meninos Júlio da Silva Ramalho e Joaquim Russo Ferreira, filhos de Joaquim Ramalho e Júlio Ferreira, respectivamente.

3.1.4.3 Baptismo

No dia 18 de Abril, realizou-se na ermida o primeiro baptizado, de um menino a quem puseram o nome de Armando Lopes, filho de Francisco Lopes e Esposa, D. Carmelina

Pinto Lopes. Os padrinhos foram os irmãos do menino: Américo e Maria de Lurdes.

3.2 O Cruzeiro

Em meados de Novembro de 1948, a Câmara Municipal abriu um caminho na serra da Marofa, facilitando o acesso à capela, para as pessoas que ali se deslocam a pé. Nesta ocasião, ergueram o Cruzeiro no morro sobranceiro à Quinta da Serra, simples e sem ornatos, a condizer com o cenário rústico do local.

"Quando olhamos para ele", — escreveu o Sr. Reitor — "lembra-nos sempre a 'Cruz Mutilada' de Alexandre Herculano:

*Porém quando mais te amo
Oh Cruz do meu Senhor,
É se te encontro à tarde,
Antes de o Sol se pôr,*



O Santuário da Marofa

*Na clareira da Serra,
Que o arvoredado assombra,
Quando à luz que fenece
Se estira a tua sombra,
E o dia últimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hino da tarde
O pinheiral murmura”.*

O cruzeiro, qual farol que iluminará a fé dos habitantes do concelho, mede cinco metros de altura, por dois metros de amplitude dos braços. Foi construído em cimento armado por Manuel Domingos Chaves, sendo o trabalho de trolha da autoria de Francisco Ribeiro.

No dia 13 de Agosto de 1949, no decorrer de mais uma peregrinação ao Santuário da Marofa, D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo Coadjutor da Guarda, inaugurou o Cruzeiro, exortando os figueirense a “olhá-lo com respeito e fé, que ali ficava como símbolo da Redenção”.

3.3 A Estátua de Cristo-Rei

O “Amigo da Verdade” de 4 de Dezembro de 1955 trazia, em letras garrafais, o seguinte artigo: “O Arciprestado de Figueira de Castelo Rodrigo vai erguer, no alto da Serra da Marofa, uma estátua a Cristo-Rei como preito de vassalagem de todas as suas freguesias e de todos os seus habitantes. Na hora incerta em que vivemos, o nosso Arciprestado aclamará, deste modo, a Realeza Imortal do Redentor!”

Estava dado mais um passo para a sacralização do ponto mais elevado de Ribacôa: a implantação de uma estátua de Cristo-Rei, de braços abertos, numa atitude de perdão e de paz, abençoando as povoações que se situam na planície. Esta ideia surgira numa reunião do clero do arciprestado, que assim procurava homenagear a realeza de Nosso Senhor, ficando “como um padrão público de fé viva e filial do nosso povo a Cristo-Rei”.

